

Das mediações às alteridades: práticas de crítica midiática

“Mediação” tornou-se termo corrente nos estudos de comunicação na América Latina, no final da década de 1980, com a publicação da obra de Jesus Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, que completou 30 anos em 2017. Reivindicou-se, nela, o deslocamento do “espaço de interesse” das mídias “para o lugar onde o sentido é produzido”: nos movimentos e reverberações do cotidiano, em que os textos midiáticos são apropriados, usados e transformados por leitores/ouvintes/espectadores, imersos em instâncias de sociabilidade (núcleos familiares, o bairro, associações, entre outras), vistas como ambientes mediadores. As próprias formas midiáticas, como Raymond Williams já havia demonstrado em relação à televisão, são e resultam de mediações, muitas vezes de matrizes da cultura popular. Daí ser possível, segundo Martín-Barbero, interpelar o popular através do massivo, uma vez que este não matou aquele. O massivo foi produzido, gradualmente, a partir do popular, e traços deste sobrevivem, por exemplo, no programa policial radiofônico, no melodrama da telenovela, em séries e filmes.

Pelo menos quatro correntes e/ou noções contribuíram para o pensamento de Martín-Barbero acerca das mediações. Da micro-história, notadamente do estudo de Carlo Ginzburg sobre um moleiro italiano condenado à morte pela inquisição no século 16, herda-se a proposta de uma leitura “desviada” pelo filtro da cultura camponesa, que se interpõe entre os livros e Menocchio. Articulando os textos a sua maneira e mediado por essa cultura, o moleiro constrói sua cosmogonia herética. A segunda noção importante é a de tática, em Michel de Certeau, como forma de apropriação, pelos fracos, dos instrumentos da classe dominante e de resistência. Os estudos de teoria literária acerca do leitor também deram sua contribuição ao pensamento da mediação, uma vez que colocam em relevo o caráter desiderativo, abusivo e, portanto, essencialmente transformativo da recepção. Por fim, podemos destacar, nessa tentativa não exaustiva de desenredar o pensamento das mediações, os aspectos dissonantes de Walter Benjamin em relação à Escola de Frankfurt. Ou melhor, a leitura que Martín-Barbero fez de Benjamin, como “pioneiro a vislumbrar as mediações”, uma vez que não seria possível, para o filósofo, entender “o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência”.

No início deste século, Roger Silverstone, informado por Martín-Barbero, abriu outra perspectiva acerca das mediações, enfatizando, ainda uma vez, seu caráter

transformativo e múltiplo, que, segundo ele, seria importante para os estudos da comunicação tendo em vista a economia interativa das redes sociais – a que Martín-Barbero se refere, atualmente, como “fala social ampliada”. No entanto, para Silverstone, a mediação, ainda que dialética (pois envolve, além dos meios, o engajamento contínuo e criativo que as audiências possuem com textos midiáticos), é assimétrica. Ela é desigual porque o poder de atuar com ou contra os significados dominantes providos pela mídia é distribuído desproporcionalmente dentro das sociedades e entre diferentes sociedades.

A questão mais importante que Silverstone coloca refere-se justamente à atividade do público, pois se os receptores são de fato ativos, eles também são responsáveis pela adoção de certos esquemas representativos redutores postos em circulação no cotidiano. Tornam-se cúmplices ou acomodados com representações que aniquilam a alteridade. As pessoas acabam por se utilizar dos estereótipos, segundo ele, para lidar com a complexidade do cotidiano, uma vez que a vida é, no dia a dia, difícil para a maioria das gentes, na maior parte do tempo, ainda que os intelectuais a celebrem como o lugar do paradoxo, da criatividade, da tática e do lúdico. O paradoxo, Silverstone diz, “é, assim como a história, um luxo das elites”. A crítica da mídia deve ser, portanto, a *crítica das mediações*, o que implica confrontar nossa própria relação com os gêneros, com uma simbólica cristalizada, com o modo como nos utilizamos dos meios para nos afastar do mundo e viver em condomínios.

Esses são dois pensamentos centrais para este primeiro livro da Metacrítica – Rede de Pesquisa em Cultura Midiática, que articula os grupos Mídia e Narrativa (PUC Minas), MidiAto – Linguagem e Mídias (USP) e Crítica de Mídia e Práticas Culturais (UFSC). Nesta publicação, reunimos 16 artigos que estudam textualidades das mediações, isto é, a circulação contínua, múltipla e transformativa de significados materializada em textos midiáticos diversos, como os do jornalismo impresso e audiovisual, das séries televisivas e das redes sociais. Entendemos que as narrativas midiáticas são formas privilegiadas, hoje, de representação do outro, principalmente do outro distante, que, como assinala Silverstone (2002), apenas nos é dado a conhecer por meio da mídia.

Nisso, a mediação possui implicações éticas, pois, como não se esgota na recepção, ela se desdobra no cotidiano e afeta o modo como nos relacionamos uns com os outros. Na ambiguidade de nosso contexto, alguns grupos sub-representados, mais articulados politicamente, cada vez mais reivindicam visibilidade e recusam os estereótipos que, historicamente, têm sido impostos a eles. Essas exigências já repercutem nas representações midiáticas e tornaram-se um importante eixo para a crítica. A contrapelo, contudo, persistem e mesmo avançam práticas que objetivam a construção de um outro radical que, visto como ameaça, deve ser necessariamente banido ou mesmo aniquilado.

Na multiplicidade das mediações e das representações por ela engendradas, o gesto imprescindível de narrar o outro assume formas diversas e, por vezes, contraditórias: atos de domesticação ou apagamento de diversidade; de afirmação de distâncias intransponíveis; de contranarrativas, na luta por representatividade e pelo desmanche de estereótipos, de discursos não hegemônicos em busca de reconhecimento.

Mediações críticas: representações na cultura midiática está dividido em três partes, centradas sobre a crítica no âmbito das práticas jornalísticas, das ficções e da vida nas cidades. Na primeira delas, “Crítica da mediação jornalística”, Marcio Serelle trata de um jornalismo que busca, na cena da reportagem, situar identidades entre “O Outro e o Mesmo nas reportagens de Eliane Brum” a partir do reconhecimento de uma voz autoral que narra o percurso. Da reportagem escrita à televisiva, Amanda Souza de Miranda e Gislene da Silva abordam a “Mediação jornalística em programa televisivo sobre saúde”, observando como o jornalismo especializado em saúde se coloca como instância entre a racionalidade médico-científica e a audiência. O papel da alteridade nas narrativas midiáticas em geral é revisto por Carlos Henrique Pinheiro e Rafael Angrisano em “A natureza da alteridade e a mediação do outro em *A garota do Zeitgeist*, de Janet Malcolm”, tendo como base teórica, para esse exercício, a obra *Vampyroteuthis infernalis*, de Vilém Flusser e Louis Bec.

Duas experiências são destacadas a partir das práticas das mediações envolvendo o jornalismo. Nara Lya Cabral Scabin e Sofia Franco Guilherme investigam o “Diálogo e engajamento no caso #belarecatadaedolar” a partir da repercussão, em redes sociais, da matéria intitulada “Marcela Temer: Bela, recatada e ‘do lar’”, publicada pela revista *Veja*, em 18 de abril de 2016. Algo do feminino, agora relacionado ao universo juvenil, aparece quando Juliana Doretto e Renata Carvalho da Costa analisam “E precisa de revista para menina? A representação da ‘girl’ de *Recreio*”, questionando a existência de publicações destinadas a crianças com gêneros diferentes.

Na segunda parte do livro, “Ficções e performances: lugares críticos”, Ivan Paganotti e Rosana de Lima Soares exploram uma intersecção entre os bastidores da produção de notícias como palco para a fabulação e para a reconstrução de histórias narradas pelas mídias em “Fabulação, reconstrução e mediação (meta)crítica no seriado *Newsroom*”. Tentando pensar um lugar para além da tela, Cíntia Liesenberg e Eduardo Paschoal levantam questões sobre as práticas discursivas audiovisuais em “O encontro com o outro no cinema nacional: narrativas sobre a alteridade na ficção” e identificam distintas formas de abordar o encontro com o outro no filme *Casa grande*. A alteridade também é central para Bruna Lapa e Glória Gomide ao debaterem sobre representações midiáticas do Outro em “*Mr. Robot*, a ilusão cibernética da figura de o Outro”, a partir das obras de Judith Butler e Hannah Arendt.

Buscando caminhos a partir de um jogo negativo entre a recusa de modelos naturalizados e estabelecidos, e as sínteses de rupturas possíveis, Cláudio Rodrigues Coração e Thiago Siqueira Venanzoni analisam a alternativa “A mediação do pop: o desarranjo em *Vira lata na via láctea*, de Tom Zé”. Passando do som ao corpo, Ercio Sena e Juliana Gusman relacionam “Dança e comunicação: confronto cultural entre o popular e o hegemônico” através de pesquisas de campo e entrevistas no âmbito do projeto social Dança Criança. Esse corpo entra no movimento das cidades com as “Reverberações críticas da moda e da arte nas ruas”, de Andrea Limberto e Fernanda Elouise Budag, observando a arte de rua de Obr.a em São Paulo e os desfiles de moda do evento Rio Moda Rio, no Rio de Janeiro.

Na terceira parte, apresenta-se a urbanidade das “Cidades mediadas”. Maurício de Bragança observa “Os estudos de narco, os territórios ocupados e as mediações do crime”, apontando a atualização de discussões históricas sobre os processos de constituição de identidade. A voz e a visibilidade de sujeitos supostamente aliados do noticiário e do debate político são recuperadas por Felipe Polydoro e José Augusto Mendes Lobato em “O triângulo da alteridade: a mediação da periferia pela imprensa estrangeira no impeachment de Dilma Rousseff”. Buscando compreender como as representações sociais são dadas em discursos que se estendem para muito além do texto midiático, Julia Lery coloca-se “Entre o bandido e o ‘cidadão de bem’: alteridade e ética em *Brasil urgente*”. Há uma outra disputa, dada entre o espaço urbano e natural, a partir da qual Míriam Santini de Abreu realiza uma “Crítica da cobertura jornalística sobre ocupações urbanas em Florianópolis”, problematizando os posicionamentos da imprensa. Do retrato na imprensa à fotografia, Júnia Maria Pinto de Campos observa a “Fotografia e testemunho como mediação em *Memórias da vila*”, valorizando a história de vida de moradores do Aglomerado da Serra e denunciando a invisibilidade social dos mesmos.

Com essa publicação, desejamos às leitoras e aos leitores um espaço de reflexão e interlocução que possa gerar novos debates e mediações, sempre críticas, de nossa cultura midiática.

Marcio Serelle
Rosana Soares
dezembro de 2017